

1970

Lettre du Père Ernest Lecomte au Docteur Fernando Pedroso — (13-VII-1893)

António Brásio

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/angolavol4>



Part of the [Catholic Studies Commons](#)

Recommended Citation

Brásio, A. (Ed.). (1970). Lettre du Père Ernest Lecomte au Docteur Fernando Pedroso. In *Angola: 1890-1903*. Pittsburgh, PA: Duquesne University Press.

This 1893 is brought to you for free and open access by the Spiritana Monumenta Historica at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Angola: 1890-1903 by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

LETTRE DU PÈRE ERNEST LECOMTE
AU DOCTEUR FERNANDO PEDROSO

(13-VII-1893)

SOMMAIRE — *Difficulté à trouver des porteurs. — Mauvaises communications. — Progrès des missions protestantes anglaises et américaines. — Nécessité des congrégations religieuses. — Discussions absurdes.*

Missão Católica do Bié,

13 de Julho de 1893

Meu caro Doutor e Amigo

Ainda estou no Bié, onde me tem demorado, mais do que podia supor, a dificuldade de arranjar carregadores para a minha viagem. Direi mesmo, que, sem a amabilidade especial do capitão-mor, tenente Caetano Dantas, não poderia partir, por falta de meios de transporte. Esta questão de transporte é a que mais dificulta a fundação efectiva das nossas estações do interior. Sem ter postos intermediários é impossível abastecer as estações mais afastadas. Esperava ir num pulo do Bié ao Cuchi, mas vejo que terei de me resignar a seguir o caminho que o meu amigo tão acertadamente traçou no seu relatório, isto é, dirigir-me primeiro à estação Princesa Amélia, estabelecer uma missão no Cuíto Médio, e finalmente alcançar o vale do Zambeze. Já não se pode contar com os carregadores do Bié; enriquecidos pelo comércio da borracha, passam o ano viajando em interesse próprio; se não tivéssemos carros, não nos poderíamos mexer. Vistos os numerosos e importantes rios que

devemos atravessar, além dos carros precisamos de botes; é esta a questão que estudamos actualmente. Não sei se esta primeira tentativa do Irmão Narciso dará bom resultado, mas nós a aperfeiçoaremos e melhoraremos conforme a experiência o for ensinando. O caminho para os carros de Benguela a Caconda está quase intransitável, depois de menos de dois anos de serviço e requer reparações, que me parece se poderão fazer com pequena despesa. //

Se, como esperamos, pudermos fundar um estabelecimento agrícola-industrial ao pé do Cunene, a dificuldade, que apresenta a travessia desse rio, ficará resolvida; a missão Maria Amélia facilitará a passagem do Cutato e do Cuchi; a missão do Caeba igualmente permitirá a passagem desse rio, e os rios Queimbo e Cuando dependerão da missão de Vierionoma; deste modo uma via fácil e directa ficará traçada para Leste. Um barco de passagem em cada um destes pontos faria com que fosse muito rápida a travessia. Na região do Norte bastaria um só barco no Cuanza para se poder chegar ao alto Zambeze sem atravessar nenhum rio importante. Desta maneira, os negociantes poderiam explorar os imensos vales repletos de borracha, que constitue a riqueza do interior.

Anunciam-me o estabelecimento duma nova missão protestante, inglesa, no Zambeze superior ou Siba, no país chamado Nana Candundo, e com a nova estação do Bié, são hoje quatro as missões protestantes no Bié propriamente dito. Como é possível que Portugal ainda hesite em aceitar as Congregações de missionários católicos, quando tolera, só no Bié, quatro missões americanas e inglesas? A opposição é realmente anti-patriótica e deveras absurda. Quando acabarem de discutir já não poderemos fazer nada — será tarde de mais. Quando em Portugal abrirem os olhos, já não será tempo. Teremos que nos curvar perante um novo *ultimatum*.

P. S. 25 de Julho.

Ainda não pude partir por falta de carregadores. Há perto de dois meses que, para os obter de balde fazemos todas as diligências. Lamento tanto tempo perdido, pois não me falta trabalho. O capitão-mor faz o que pode em nosso favor, mas nada tem conseguido. Isto faz-me quase desanimar e desistir da viagem, porque daqui a pouco voltam as chuvas.

28 de Julho.

Finalmente partimos amanhã com o estrito número de carregadores para levarem o indispensável e as tipoias vazias. Apesar de me fiar muito nas minhas pernas, não achei prudente começar a pé uma viagem tão longa por um caminho movediço, onde uma pessoa se enterra até meia perna. Arranjei pois tipoias para o meu companheiro e para mim, mas tendo falta de carregadores iremos a pé até que as cargas diminuam de peso, podendo então os homens levar-nos nos lugares mais difíceis e aliviar um pouco as nossas pernas, quando se acharem trôpegas.

[*Ernesto Lecomte*]

PORTUGAL EM AFRICA, Lisboa, 1894 (I), p. 200-202.